

Resenha

Book Review

De WAAL, Cornelis. *On Pragmatism*. Belmont, CA: Thomson Wadsworth, 2005. (Wadsworth Philosophical Series)

O livro de Cornelis De Waal é uma introdução ao pragmatismo que busca delinear os principais desenvolvimentos teóricos do movimento, de Peirce a Susan Haack. O autor não trata de todos os autores que poderiam ser chamados de pragmatistas, e reconhece que sua pequena introdução apresenta somente “a ponta do iceberg” (p. vi). Entretanto, o recorte escolhido pelo autor, embora não exaustivo, é bastante compreensivo. O livro tem doze capítulos. Depois de um breve capítulo de apresentação das críticas ao pragmatismo, o autor desenvolve cronologicamente a história da doutrina, começando com Charles S. Peirce e tratando, nos seguintes, de William James, Ferdinand C. S. Schiller, os *Leonardini*, grupo de pragmatistas italianos do começo do século XX, John Dewey, Clarence I. Lewis, Charles Morris, Rudolf Carnap e Willard O.V. Quine (num único capítulo), Richard Rorty e, finalmente, Susan Haack. No meio dessa linha cronológica, o sexto capítulo (anterior ao dedicado a Dewey) é dedicado às idéias maduras de Peirce, para mostrar sua reação às interpretações dadas à sua filosofia, por volta dos fins do século XIX e inícios do XX; nessa época, Peirce denominou seu método de “pragmaticismo”, a fim de diferenciá-lo das doutrinas de James e Schiller. O último capítulo apresenta algumas considerações sobre a atualidade do pragmatismo. Não nos deteremos em cada capítulo, mas procuraremos ressaltar pontos que nos pareceram mais interessantes, seja por sua importância teórica, seja pela raridade com que são tratados em livros de filosofia. Assim, ressaltaremos brevemente algumas diferenças entre as filosofias de Peirce e James, para em seguida nos voltarmos ao capítulo sobre os pragmatistas italianos. Algumas considerações ainda são feitas sobre as relações entre pragmatismo e empirismo lógico; por fim, apresentamos algumas idéias com que De Waal conclui o livro.

Já de início se afirma que o pragmatismo é um método, não uma teoria; sobretudo, um método de filosofar, um método para *pensar*; que, originalmente, era um método para determinar o significado dos termos científicos e filosóficos (p. 5). E a história desse método começa com Peirce, que, em 1878, publica seu famoso artigo *Como tornar claras nossas idéias*. Nesse artigo, Peirce apresenta uma regra de esclarecimento de idéias, que se enuncia da seguinte maneira: “Considere quais efeitos, que poderiam concebivelmente ter conseqüências práticas, concebemos que tenha o objeto de nossa concepção. Então, nossa concepção desses efeitos é o todo de nossa concepção do objeto.”¹ Esse princípio ficou mais tarde conhecido como *máxima pragmática*; o pró-

¹ Nossa tradução; cf. original: “Consider what effects, that might conceivably have practical bearings, we conceive the object of our conception to have. Then, our conception of these effects is the whole of our conception of the object.” (*Apud* De WAAL, p. 19).

prio termo “pragmatismo” não é usado por Peirce nesse artigo de 1878. O que se enuncia é um princípio lógico de esclarecimento de pensamentos, ou, como diz De Waal, “um método para determinar o significado de conceitos, idéias, crenças, alegações, proposições etc., de qualquer coisa que possa agir como um signo” (p. 19). Esse princípio, segundo De Waal, já havia sido formulado por Peirce anteriormente, em 1868, da seguinte maneira: “Não pode haver concepção alguma do absolutamente incognoscível, já que nada desse tipo ocorre na experiência. Mas o significado de um termo é a concepção que ele transmite. Por conseguinte, um termo não pode ter tal significado.”² No entanto, é a história da interpretação da segunda formulação desse princípio, por Peirce, em 1878, que o livro tenta escrever como a história do pragmatismo. Uma idéia central do livro é analisar o processo pelo qual o pragmatismo se desenvolveu como um método *filosófico* de inquirição [*inquiry*], não somente científica, a partir da publicação do artigo de Charles S. Peirce sobre a clareza das idéias. Dessa maneira, o pragmatismo aparece primeiramente como uma *doutrina do significado* (p. vi), sua história como método filosófico de investigação em geral confundindo-se com a história das diversas interpretações da máxima pragmática. Em todos os capítulos, uma discussão sobre o tema filosófico da verdade aparece de modo mais proeminente, mostrando a centralidade, para o pragmatismo, da tentativa de definir uma maneira filosófica de aproximação da verdade. É como se o método de *esclarecimento* de conceitos de Peirce fosse aos poucos se transformando num método de *determinação da verdade* dos conceitos – ou de método para mostrar como a idéia da verdade é uma idéia sem valor para a filosofia, como defende Rorty, por exemplo (p. 158-60), ou Dewey, que prefere substituir a idéia de verdade pela de “assertividade garantida” [*warranted assertibility*] (p. 122-4).

Por causa disso, a interpretação de William James aparece como capítulo decisivo nessa história. James foi quem primeiro “usou impressa a palavra ‘pragmatismo’”, numa conferência, em 26 de agosto de 1898, intitulada *Concepções filosóficas e resultados práticos* (p. 27). William James formula a máxima pragmática da seguinte maneira:

Para alcançar perfeita clareza em nossos pensamentos de um objeto (...) precisamos somente considerar quais efeitos, de uma espécie conceivelmente prática, o objeto pode implicar – quais sensações devemos esperar dele, e quais reações devemos preparar. Nossas concepções desses efeitos, então, é para nós o todo de nossa concepção do objeto, à medida que aquela concepção tenha, de qualquer modo, significância positiva.³

Com essa formulação, vê-se que James muda a máxima pragmática significativamente, de maneira a identificar os efeitos que o objeto “pode implicar” com as sensações que ele pode vir a nos causar e com as reações que podemos ter por causa do objeto. Não se trata somente de um mal-entendimento das idéias de Peirce; trata-se,

² Nossa tradução, cf. original: “There can be no conception of the absolutely incognizable, since nothing of that sort occurs in experience. But the meaning of a term is the conception which it conveys. Hence, a term can have no such meaning.” (*Apud* De WAAL, p. 10).

³ Nossa tradução, cf. original: “To attain perfect clearness in our thoughts of an object [...] we need only consider what effects of a conceivably practical kind the object may involve – what sensations we are to expect from it, and what reactions we must prepare. Our conception of these effects, then, is for us the whole of our conception of the object, so far as that conception has positive significance at all.” (*Apud* De WAAL, p. 28).

sobretudo, de uma apropriação de uma idéia lógica para outros fins. Segundo De Waal, onde Peirce deseja ligar o significado de uma idéia com os *hábitos gerais* que a idéia ocasiona, James liga significado com *sensações* e *reações particulares* (p. 28), enfatizando, dessa maneira, a ligação das conseqüências práticas dos conceitos com experiências particulares experienciáveis pelo sujeito empírico; em outras palavras, os hábitos gerais da intenção peirciana não necessariamente são identificáveis com efeitos psicofísicos comportamentais. Há, então, duas posições filosóficas. Como afirma De WAAL:

Parece mais provável que, à época em que Peirce publicou sua famosa máxima, a ênfase de James sobre a conduta e a praticidade já estava firmemente estabelecida. Portanto, James não pegou carona no pragmatismo de Peirce; em vez disso, suas visões são duas linhas de pragmatismo, cada qual tendo origem separada nas discussões que ocorriam no Clube Metafísico do início dos anos de 1870. (p. 30)

Ora, não se trata somente de um desentendimento entre os dois filósofos, mas de ênfases em aspectos distintos. Talvez a (má) interpretação jamesiana não seja injustificada, como é comum afirmar, já que, por exemplo, podemos ler Peirce escrever no artigo de 1878: “Nossa idéia de qualquer coisa é nossa idéia de seus efeitos sensíveis; e se imaginarmos que temos alguma outra, enganamos a nós mesmos” (EP 1: 132).⁴ Essas palavras poderiam justificar a mudança de ênfase operada por James na máxima pragmática, para direções não desejadas por Peirce. Seja como for, é importante dizer que o pragmatismo jamesiano não é somente fruto fortuito de um equívoco hermenêutico, mas constitui uma posição teórica própria, diferente da de Peirce. O cerne da questão parece estar em como cada autor concebe a relação entre crença e dúvida. Enquanto Peirce concentra suas análises na capacidade que o *objeto real* tem de fixar crenças e moldar a conduta futura, criando hábitos gerais, James enfatiza um *estado de crença* próprio ao indivíduo, e por isso sua ênfase nas sensações; *grosso modo*, poder-se-ia dizer que James propõe um individualismo oposto ao universalismo peirciano. Essa é uma distinção que só será explicitada posteriormente, por John Dewey (p. 123).⁵

Um dos capítulos mais interessantes do livro é o quinto, dedicado ao pragmatismo italiano do começo do século XX, muito pouco conhecido até hoje. “Um grupo de pragmatistas italianos particularmente sem papas na língua emergiu em Florença”, segundo De WAAL (p. 68). Esse grupo era composto por Giovanni Papini, Giuseppe Prezzolini, Giovanni Vailati e Mario Calderoni, e reunia-se em torno da revista, por eles fundada, *Leonardo*; daí seu apelido de *leonardini*. A revista *Leonardo* tinha o propósito de divulgar as idéias do grupo, e foi fundada em 1903. Teve vida curta, seu último número sendo publicado em 1907, e o pragmatismo italiano, segundo De Waal, não teve melhor sorte – seus defensores ou morreram cedo, ou se tornaram adeptos de outras correntes de pensamento.

Interessante notar que o movimento pragmatista italiano divide-se em duas correntes. Papini e Prezzolini sofreram forte influência de James e Schiller, e Papini chegou a formular um “pragmatismo mágico”, segundo o qual “princípios filosóficos são valiosos

⁴ As referências bibliográficas completas estão na Bibliografia, ao final do texto.

⁵ É de se notar, todavia, que somente posteriormente Peirce veio a elaborar detalhadamente suas idéias sobre os hábitos gerais em seu pragmatismo, conforme mostra o autor no capítulo sexto do livro.

somente à medida que nos permitam transformar ou dominar a realidade” (p. 71). É nessa apropriação da realidade segundo objetivos e propósitos humanos que está o poder mágico do pragmatismo: ao exortar os indivíduos à ação, o pragmatismo “extravagante” (p. 72) de Papini torna-se um “programa para os homens se tornarem deuses” (p. 73). Não é à toa que Benito Mussolini apreciava esse tipo de pragmatismo, tanto que, posteriormente, Prezolini veio a se aproximar de Mussolini; isso, contudo, não significa que seja possível associar a filosofia de William James ao fascismo, como bem ressalva De Waal (embora talvez não se possa dizer a mesma coisa do pragmatismo de Schiller) (p. 74).

Mais interessante parece ser o pragmatismo lógico de Giovanni Vailati, de inspiração peirciana. Para o que nos interessa aqui, basta dizer que Vailati rejeita a idéia de que conceitos possam ter sua significação isoladamente de um contexto prático dentro do qual surgem, pelo simples fato de que “é o contexto que determina quais serão as conseqüências práticas de uma proposição” (p. 79). Assim, diferentes contextos resultarão em diferentes significados (mas não necessariamente em diferentes proposições). Dessa maneira, além de rejeitar o tipo de pragmatismo mágico de seus compatriotas, Vailati de certa maneira ainda antecipa, segundo De Waal, algumas idéias do pragmatismo de C.I. Lewis e Susan Haack (p. 81). Uma idéia central do pragmatismo de Vailati pode ser encontrada na seguinte afirmação: “representar, por exemplo, as propriedades que um dado corpo *tem* não é representar alguns fatos presentes, mas, antes, alguns fatos que o corpo *terá*, ou *teria*, se o corpo em questão fosse colocado em tais e tais circunstâncias”⁶. Assim, conhecer é mais do que juntar um agregado de fatos, é sobretudo antecipar fatos; representar não é copiar a realidade, mas também interagir com ela. Além disso, a separação entre questões de significado e questões de verdade também lembra o espírito do pensamento de Peirce. Como diz Vailati: “A questão de determinar o que é que *queremos dizer*, quando enunciamos uma dada proposição, não somente é um problema inteiramente distinto daquele de decidir *se ele é verdadeiro ou falso*; é uma questão que, de uma maneira ou de outra, deve ser decidida antes que o tratamento de outra possa se iniciar.”⁷

Vale ainda notar que o capítulo sobre Morris, Carnap e Quine elucida, de maneira inequívoca, vários pontos de contato ainda incompreendidos entre o pragmatismo e o empirismo lógico. Da maneira como De Waal apresenta, a tentativa do empirismo lógico de estabelecer um critério de esclarecimento de significações pode também ser entendida como uma empreitada pragmatista. Segundo De Waal, o princípio de verificação de Carnap tem uma função semelhante à da máxima pragmática; ora, se conhecer o significado de uma sentença é conhecer o que seria verdadeiro acerca daquela sentença em circunstâncias determináveis (p. 144), então não há diferença de significado que

⁶ Nossa tradução, feita com base na citação em inglês: “to represent, for example, the properties that a given body *has*, is not to represent some present facts, but rather some facts that it *will have*, or *would have*, if the body in question were placed in such and such circumstances.” (*Apud* De WAAL, p. 80).

⁷ Nossa tradução, feita com base na citação em inglês: “The question of determining what it is we *want to say* when we enunciate a given proposition, not only is an entirely distinct problem from that of deciding *whether it is true or false*; it is a question that, in one way or another, must be decided before the treatment of the other can be initiated.” (*Apud* De WAAL, p. 78).

não reflita uma diferença na prática, como disse Peirce algures. No entanto, De Waal também apresenta as diferenças entre o projeto logicista e a tradição pragmatista. Brevemente, podemos dizer que, ao mesmo tempo em que o enfoque verificacionista pode aproximar os empiristas lógicos dos filósofos pragmatistas, a idéia de que a estrutura lógica da linguagem espelha a estrutura lógica dos fatos empíricos é objeto de críticas incisivas por parte da tradição pragmatista, desde Dewey até Richard Rorty (p. 140).

Mais interessante do que resumir cada capítulo, é notar que, tal como apresentado por De Waal, o pragmatismo como corrente de pensamento pode ser descrito como a história da influência que Peirce e James exerceram sobre outros pensadores; obviamente, não queremos sugerir, com tal afirmação, que o pensamento de John Dewey, ou de Quine, por exemplo, possam ser reduzidos a meros desenvolvimentos posteriores das idéias de Peirce e James. Desejamos indicar, na verdade, que as questões tratadas pelos dois autores nunca saíram do debate pragmatista, seja por meio da confluência, seja por meio do distanciamento. Por um lado, temos uma idéia de método científico de esclarecimento de conceitos que, ao mesmo tempo em que é um princípio de lógica, também é uma máxima de antecipação da conduta futura em termos *gerais*. Por outro, temos uma máxima filosófica, cuja principal característica talvez esteja em enfatizar a íntima relação entre conhecimento, ação e interesses subjetivos. Ora, conduta em termos gerais não envolve necessariamente interesses subjetivos, pois pode não ser a conduta humana que esteja em questão, mas a conduta do objeto; a máxima pragmatista de Peirce, dessa forma, aparece como uma possível formulação da pergunta sobre os modos de aparecer do fenômeno: qual a maneira geral de manifestação do objeto? Por isso, os efeitos práticos concebíveis não precisam ser, necessariamente, os efeitos que o objeto cause em nós, como pensa William James. Em todo caso, as idéias de que conhecimento e ação são inseparáveis, que todas as nossas concepções filosóficas (“verdade”, “identidade”, “liberdade” etc.) podem ser operacionalizadas em nossa interação com o mundo, a idéia regulativa de uma orientação ao futuro, todas essas idéias podem ser encontradas no pensamento de Peirce e James – e, depois deles, guardadas todas as diferenças de ênfase e foco, essas mesmas idéias são encontradas em todos os outros pragmatistas.

Os demais capítulos do livro aliam brevidade a rigor teórico; apresentam, elaborada e sucintamente, as idéias dos outros autores mencionados de início. É de se notar, porém, que falta no livro uma discussão sobre o pragmatismo na França. Mais ou menos na mesma época em que despontaram os *leonardini* na Itália, também na França a discussão sobre o pragmatismo floresceu com força. De Waal menciona somente de passagem essa efervescência; não faz sequer menção à troca de cartas entre James e Henri Bergson; também não comenta as críticas de Peirce a Henri Poincaré; e tampouco menciona as relações do pragmatismo com a sociologia de Durkheim, para quem o pragmatismo era “quase a única teoria existente da verdade”⁸. Isso não tira a qualidade do livro como uma bela introdução às principais linhas *internas*, digamos assim, de

⁸ Vale a pena conhecer toda a passagem: “Quais são as razões que me levaram escolher o tema deste curso? Por que o intitulei *Pragmatismo e Sociologia*? Antes de tudo, é a atualidade do Pragmatismo, que é quase a única teoria da verdade atualmente existente. Depois, é que há no Pragmatismo um senso da *vida* e da *ação* que ele tem em comum com a Sociologia: ambas as tendências são filhas de uma mesma época. [*Quelles sont les*

desenvolvimento do pragmatismo, já que nem Bergson, nem Durkheim podem ser considerados filósofos pragmatistas (como podem ser os *leonardini*, por exemplo). Uma análise da recepção do pragmatismo na França teria de considerar as relações com Durkheim e Bergson como desenvolvimentos *externos*, já que se trata de entender como pensadores com outros métodos e outras perspectivas se aproximaram do pragmatismo, o que estaria fora do escopo do livro. Não obstante, algumas páginas dedicadas à recepção do pragmatismo na França representariam, certamente, acréscimo valioso ao livro, já que a influência do pragmatismo na França, embora sem um movimento pragmatista propriamente dito, frutificou de maneira tão ou mais intensa do que na Itália, e foi certamente mais prolífica.

A conclusão do autor é que o pragmatismo, não sendo precisamente uma teoria ou escola filosófica, é “um *método* para fazer filosofia” (p. 175); é a aplicação desse método, como pensava Peirce, a conceitos filosóficos tais como “verdade”, “absoluto”, “identidade”, “realidade”, “liberdade” etc., que leva a uma “filosofia completamente pragmatizada (ou pragmaticizada)” (p. 176). De Waal defende ainda que, pelo seu estreito elo, desde suas origens no século XIX, com o desenvolvimento científico característico de nossa era desde então, “o pragmatismo parece ser, de todas as abordagens filosóficas existentes, a mais bem adaptada aos desafios de nosso tempo” (p. 176).

Concorde-se ou não com o autor, deve-se reconhecer que o pragmatismo, se não for a melhor das abordagens filosóficas, por certo também não é a mera expressão ideológica de o que vulgarmente se entende por “pragmatismo capitalista dos EUA”; ou seja, uma doutrina meramente utilitarista, cujo principal foco está em mostrar como se pode obter mais lucro com menos gasto, digamos assim. O pragmatismo talvez seja mesmo indefinível; a pluralidade de pensadores pragmatistas, bem como suas diferenças irreduzíveis, talvez tornem impossível traçar perfeitamente quaisquer fronteiras que o delimitem, embora seja possível reconhecer temas em comum e idéias que permaneçam. Longe de ser um sinal de imprecisão ou fraqueza teórica, essa pluralidade talvez seja o maior sinal de sua vitalidade.

Bibliografia

DURKHEIM, Émile. *Pragmatisme et sociologie*: cours inédit prononcé à La Sorbonne en 1913-14 et restitué par Armand Cuvillier d’après des notes d’étudiants. Paris: Vrin, 1955.

PEIRCE, Charles S. *The Essential Peirce*: Selected Philosophical Writings. Volume I (1867-93). Ed. by Nathan Houser and Christian Kloesel. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1992.

raisons qui m’ont amené à choisir le sujet de ce cours ? Pourquoi l’ai-je intitulé Pragmatisme et Sociologie? C’est d’abord l’actualité du Pragmatisme, qui est à peu près la seule théorie de la vérité actuellement existante. C’est ensuite qu’il y a dans le Pragmatisme un sens de la vie et de l’action qui lui est commun avec la Sociologie : les deux tendances sont filles d’une même époque.]” Pragmatisme et Sociologie, p. 8. Nossa tradução.